

# Branca Clara das Neves conversa com Alice Giroto

Alice Giroto

Università Ca' Foscari Venezia, Italia

Branca Clara das Neves (1956) nasceu em Luena, no Moxico, uma província de Angola que faz fronteira com a República Democrática do Congo e a República da Zâmbia, teatro das cruentas batalhas da Frente Leste não só durante a guerra de libertação do colonialismo português (1961-1975), como na guerra civil que lhe sucedeu. Viveu no Luena e em Luanda, onde iniciou também a sua vida profissional como professora primária na Escola da Missão de São Paulo em 1974-75. Exilou-se em Portugal no início da guerra civil que assolou Angola.

Formou-se no Magistério Primário, na Faculdade de Economia da Universidade Técnica de Lisboa e pós-graduou-se em Estudos Africanos na Universidade Lusíada de Lisboa. Exerceu o magistério no ensino primário, na alfabetização de adultos e na universidade. Foi auditora, consultora e liderou projetos e ações de formação em Lisboa, Luanda, Bissau, São Tomé, Maputo e cidade da Praia.

Para além da participação em várias antologias, tem duas ficções publicadas: *Luena, Luanda, Lisboa. Fala de Maria Benta* (2014) pelas Edições Colibri e *Estamos aqui - Twina vava - Nous voici* (2020) pela editora Guerra e Paz.

Angola, a terra amada de nascença física e linguística, é presente na escrita cerrada destas duas obras.

Na primeira, a narrativa desdobra-se entre um passado colonial e um presente em Lisboa com curtas estadias em Luanda, onde os temas do exílio e da guerra, do racismo e dos dramas familiares da diáspora, da violência conjugal e dos desafios do quotidiano luandense



**Edizioni**  
Ca' Foscari

Submitted 2022-10-31

Published 2022-12-19

#### Open access

© 2022 Giroto | 4.0



**Citation** Giroto, A. (2022). "Branca Clara das Neves conversa com Alice Giroto". *Il Tolomeo*, 24, 253-264.

se são atravessados pela personagem feminina central e pelos jovens que ela congrega, num tempo que oscila entre a sua ancestralidade lwena e a década de 1980.

A segunda é uma homenagem trilingue à escultura de arte antiga Kongo e à sua cosmogonia, através da visita que uma jovem angustiada faz a um museu, encontrando lá a atmosfera de relação e encantamento que a vai libertar e transportar a um novo estar. A combinatória de texto e ilustração em que se cruzam as vozes da narradora, do escultor e do ascendente mestre, em registos quer de natureza popular, quer de natureza erudita, enfatizam a natureza simbólica do livro.

Atualmente, Branca Clara das Neves finaliza um novo livro.

ALICE GIROTTO Imagino esta conversa como uma continuação da que começámos no verão do ano passado em Lisboa, num jardim perto da Avenida de Roma – e aliás parece-me significativo que, naquele dia, tenhamos depois seguido para uma exposição artística no Hangar. Mas isso mais para a frente. De onde quero começar é do próprio ato da escrita e da trajetória da sua escrita até ao momento presente. Na sua biografia no site Buala lê-se que «escreve desde que aprendeu e regressa lá sempre que pode». Mas quando, e de que forma, esse ato fundacional se tornou numa possibilidade concreta de publicação – ou seja, de ser lida por um público, instituindo, assim, aquela reciprocidade que torna uma escrita pessoal numa escrita literária?

BRANCA CLARA DAS NEVES Sim, o nosso encontro aconteceu num dia luminoso.

É verdade que logo que aprendi a escrever – a minha mãe foi a minha professora – tive a aspiração a contar estórias. Outras estórias, mas com o ritmo do que lia e do que ouvia contar nas escadas da escola-casa no Luena: ideações de falas de animais, de génios e de amores. Heróis caçadores.<sup>1</sup>

Entre Luena e Luanda o mundo da infância foi sendo tomado por um sentimento de insuficiência, face às evidências do quotidiano: a exacerbação desmedida de tudo quanto era português, a desvalorização da terra e dos filhos dela, outras violências nos encontrando de forma desigual. Corpos presos em

---

**1** Pode parecer muito deslocada esta referência a caçadores. Com efeito, nesse tempo colonial e nessas escadas específicas, cruzavam-se as histórias dos ‘heróis’ que faziam caça nocturna com jeeps e faróis especiais, com as dos heróis que caçavam a pé, magros e ágeis, de calmas e cuidados preciosos para assim garantir alimento e capacitar os jovens rapazes. Sem esquecer as do herói caçador mítico Tchibinda Ilhunga, príncipe Luba que terá trazido para esta região, no século XIV, o conhecimento dos trabalhos em ferro, e que casou com a princesa Lueji e cujo filho, o primeiro Muatiãnvua, fundou o império Lunda.

trajetórias inamovíveis. Funcionários, militares, negociantes, serviçais. Camponeses longínquos. A repressão militar, a negação das culturas angolanas, a subalternização de quem não era branco, de quem não se mostrava branco. Os amores, os génios e os heróis tomaram então novas formas nos meus papéis. No liceu do Luena quase todos os nossos professores eram padres, militares, ou as suas esposas. E a guerra intensificava-se, nos *raids* do exército colonial e dos ataques do MPLA e da UNITA, principalmente de 1970 a 1973. Escrevia com os companheiros no jornal do liceu ‘poemas’ contestatários. Solidariedades mal vistas e logo reprimidas, denunciadas. Mas nessa idade, o primeiro orgulho de saltar as sombras do condicionamento, a alegria de, por momentos, conseguir furar. A intimidade transgressora, os breves momentos de entendimento profundo, quase feliz. Poder fazer apesar de, conseguir viver de outra maneira, nem que fosse por instantes. A coragem de encarar o estigma social, a amargura de o disfarçar.

Com dois companheiros a discutir o que líamos, o cinema proibido que as prioridades militares deixavam passar, as igrejas dos outros para descobrir novos santos, criando as redes que nos seguram até hoje. Da mesma forma em que crescia-contras nas atitudes e nas palavras, a escrita fugia-me rude ao encontro da beleza. A beleza truculenta, relacional. A beleza mascarando-se de feios. Abafando a revolta, e a exaltação, era o que procurava apreender e iluminar: o belo subalternizado. Conseguir dizê-lo. E celebrar a pertença àquele chão inalienável. Sempre celebrar.

Chegou a grande esperança de 1975, os desencontros familiares, a vivência da guerra civil, a adopção de outras referências educativas, os amigos-irmãos, os colegas heróis, os colegas reacionários, os colegas presos, os colegas mortos, as fugas. Apaixonadamente saíam-me textos bélicos que desenhavam certezas absolutas. Como a tantos companheiros. Assim até ao exílio. Sem imaginar os longos 39 anos de guerra que viriam. Intolerável de narrar, essa violência.

Quando cheguei a Portugal, embora favorecida pela ascendência portuguesa, o esforço do sustento estreitou ao mínimo o tempo de criar. Como a tantos angolanos, que nunca escolheram essa geografia. Entrar no espartilho da mentalidade empresarial, o pesado horário e ao mesmo tempo fazer a faculdade, a dedicação à família e aos amigos que sempre de Lá iam chegando asilados, exilados. Ainda a fugir da guerra, das mentes sovieticamente formatadas que refaziam a pátria, atribuindo destinos, obrigando a protocolos que só a posse do cartão do partido permitia ultrapassar. A fugir das cumplicidades seguras celebradas no saque. Para continuar a viver.

Outras paixões apareceram a salvar. E mais amizades, os alunos que sempre me acompanharam, isto tudo e a escrita ajudando-me a perceber que afinal, apesar de tudo, estávamos. Bem diversos ainda. Celebrávamos isso profundamente. Juntos aos sábados, aos domingos. O que me deu coragem para ir vivendo a perda, as sucessivas tentativas de regresso frustradas, as rupturas; sacrifício de um trabalho que me mobilizava aptidões contrárias às que precisava para escrever. Escrevia em lugares impróprios, numa aflição rompante. Chamar Angola ali. Urgente a alma-mãe. Daí encontrei a fala da Maria Benta. Com longos períodos de inibição e errância.

Fui colocando o manuscrito do *Luena Luanda Lisboa* em concursos. Pensando publicar em Angola, o que se foi revelando impraticável.

A oportunidade surgiu em Lisboa, muito mais tarde, quando assistia ao lançamento do livro *Angola Sonho e Pesadelo*, do companheiro Adolfo Maria. Fui ter com o editor e perguntei-lhe se podia ler o que tinha. Ele respondeu: «Traga».

Assim, publiquei o meu primeiro livro aos 58 anos.

Para mim este livro significava iluminar aquele Leste, dar a ler trânsitos que a guerra empurrava.

A.G. Quería que nos falasse um pouco também da experiência do blogue os-do-meio.

B.C.N. Há um momento, no filme *Un dia más con vida* de Raúl de la Fuente e Damian Nenow (a partir da experiência de Ryszard Kapuscinski em 1975 em Angola), que ilustra bem o conceito de 'Os-do-meio': alguém em fuga atravessa uma ponte sobre um rio. Uma explosão atinge a ponte. E a pessoa fica lá, suspensa e viva, abraçando. Nunca chegando ao outro lado.

O blogue surgiu em 2009 na Namíbia, onde tive esse apelo. Com textos meus, de outros autores, notícias de concertos e das artes visuais. Foi sendo estimulado pelos raros artistas na diáspora e não só que partilhavam os seus percursos de criação: Tomás Jorge, António Magina, Arlindo Barbeitos, Maria Alexandra Dáskalos, o pintor e ex-futebolista Rui Manuel Jordão, a Danae Estrela, o Fernando Alvim, o Ihosvanny. Também teve Gérard Quenum, passou pelos sete anos do programa Próximo Futuro da Fundação Gulbenkian, e terminou com a exposição sobre a branquitude do Rui Jordão no palácio Egipto, apresentada por um texto de António Lobo Antunes e que não teve uma só notícia ou crítica.

A.G. Falando do seu primeiro romance, *Luena, Luanda, Lisboa. Fala de Maria Benta*, o primeiro elemento que me interessa evidenciar são os lugares. O título, neste sentido, pode revelar-se traiçoeiro para o leitor, apontando para uma sequencialidade que não se encontra no enredo. Bem pelo contrário, o que re-

sulta fundamental para entender o papel dos lugares nele é o conceito de ‘circulação’, que aparece frequentemente no texto. Penso, por exemplo, no diálogo de Maria Benta com o neto Joca, onde a protagonista afirma:

Nós somos assim – bem abertos como as nossas vogais... Processamos os pensamentos na circulação com os outros. Se nos falta isso, então já não sabemos quem somos. (48)

Ou mais para a frente, na carta para a irmã:

*Desculpa esta conversa toda, mas é que tenho que explicar bem, para me dares conselho certo e na costumada circulação de nossos pensamentos, fazermos o caminho de eu então eu chegar à decisão final.*

*Nesta mesma cozinha te contei como foi quando cheguei. Sem dar conta ficava invisível na rua. Por ser preta negra, é claro. Também te falei do tempo que chegou, em que tanto eu como toda a gente aí éramos todos invisíveis para os acelerados que passavam a correr seus imediatos destinos, incapazes de ver para além da ponta do seu umbigo. Embrenhados nas suas circunvoluções e afazeres. Fascínios deles. Tão aflitos, coitados. (113-14; itálico no original)*

O que significa para si, concretamente, ‘circulação’ e de que forma isso se reflete nos seus textos literários?

B.C.N. O livro começa e acaba em Lisboa, uma cidade que é impossível de pensar, de imaginar sem as *Luandas* e *Luenas* que a formaram também. No centro do livro está Maria Benta, uma personagem ‘fora do lugar’, que expressa esse lugar também pelos tempos que a sua fala percorre. Vem de uma família de linhagem real, nasceu e cresceu no Luena, vai estudar para Luanda. O passado remoto, o passado próximo e o árduo presente circulam nos seus monólogos. Vive na Lisboa dos anos oitenta, uma cidade que atravessa modestamente e *sem enlevo* (como referiu a Prof. Inocência Mata no lançamento do livro) na contínua esperança do regresso, ancorada nas recordações que a chegada de amigos e parentes e as curtas viagens que faz a Luanda vão atualizando. Antoine, um militar que chega perturbadíssimo da guerra no Sul, no Cuito-Cuanavale, é uma dessas visitas.

Vamos rever a época:

Era um Portugal inclinado para um novo imaginário absolutamente europeu, onde emergem *yuppies* e *wasps* à sua medida, que nega e esconde a sua vocação imperial de séculos, e que se distancia apressadamente da alma de Angola. Mas Lisboa co-

meça a abrir-se no primeiro eixo cosmopolita que foi o Bairro Alto e os espaços para dançar música africana, ainda contemporâneos do Monte Cara que a voz do Bana instituiu em 1976, perto do São Bento cabo-verdiano. E apareceu o Zé da Guiné, os seus amigos e as sextas-feiras que deram uma virada à noite de Lisboa. Acontece o primeiro grande supermercado e o primeiro centro comercial imponente (cuja linha alterou a cota da colina num cor de rosa contrastante com a cidade branca que se estendia atrás de si e os telhados frágeis de muitas barracas).

Era Luanda lutando com as faltas de água, de electricidade, de bens essenciais, vê a guerra ao longe, avançando mortífera e inexorável, e cresce a partir das raízes da violência, e das pessoas que buscam preservar a vida fugindo das terras dilaceradas do interior. Sem nunca poder chegar às lojas dos dirigentes e aos produtos importados. Luanda lugar de salvação. Os meninos órfãos de guerra multiplicavam-se na rua, dormindo à noite debaixo dos carros. E o pão de alguns saía do forno do quintal para encontrar o fumo do gerador. Luanda propagando o advento do homem-novo, na masculinidade épica do eterno combatente, e um futuro para 'nós', logo que o inimigo - idealizado como tribal, retrógrado e alienado aos interesses estrangeiros - fosse extirpado. Escondendo hábil as contradições entre o real e o mito, calando os massacres do 27 de Maio de 1977, enfatizando como heróico o horror das batalhas.

Era Luena capital de uma província sitiada, com a linha de comboio dinamitada e o chão minado, vivendo intervalos breves entre os ataques, as batidas para obter comida, os raptos dos jovens para a guerra. Mas a vida do Leste furando sempre, seu ar puríssimo, as nascentes dos seus vigorosos rios, suas crianças fugindo para brincar na estação de comboio, no jardim da avenida 1º de Maio, os seus antigos contando ainda. Entre o refúgio parco das igrejas e a nova gramática militar. O partido omnipresente e onnipotente. E todos vizinhos, cada qual categorizado segundo a lógica do momento, no alto da pirâmide os «é dos nossos e tem cartão», todos submetidos à vigilância e à legalidade revolucionária ocasional. Sem televisão. 'Terras do detrás' como dantes, de outra maneira.

Numa Angola defendendo as suas fronteiras e correndo os meandros de um mundo bi-polar, onde era só um mapa. Um mapa de recursos nas *war rooms* de Cuba, da União Soviética, dos Estados Unidos, da África do Sul que faziam do território o seu palco. Ensaios de poder e de armas, que transformavam subitamente os vivos em mortos.

De facto, vários conceitos de circulação atravessam o livro, que pode ser lido também como uma corrente de fala inacabada. Mas a 'circulação' a que te referes especificamente, no diá-

logo de Maria Benta com o neto Joca ou na carta para a irmã, foi aplicada aqui no sentido do *pensar-junto*, na fertilização mútua em que a dinâmica das conversas conjuntadas conduz à reformulação do pensado e a decisões certas. Um raciocínio cooperativo.

A falta de cruzamento das subjectividades é um dos aspectos da lonjura mais duros de viver.

A.G. A segunda parte do título remete para a «música do texto», como a definiu algum crítico.<sup>2</sup> O que me parece criar, especialmente, esta música são um ritmo, uma construção da frase e um uso das palavras típicos do português falado em Angola. Sabemos que o mestre, no uso deste recurso na escrita literária em língua portuguesa, foi Luandino Vieira. Quão importante foi a lição dele? Haverá outros autores, ou outras autoras, que a influenciaram neste sentido?

B.C.N. Talvez a memória das conversas, assim ali, pessoa a pessoa, o movimento do corpo, os gestos, as variações da fala, as pausas, o irromper das interjeições, as modulações da atmosfera, tenha vindo subordinar o texto a esses ritmos. Por outro lado, o luzir do passado de Maria Benta faz o contraponto com o seu presente: agora é a paradeza da espera, o interior da casa, as árvores nuas do outro lado da janela, a humidade que escorre dos vidros, o estar só. É um outro encontro de ritmos.

Quando escrevo ouço também o português de Luanda. Encontra no livro expressões e palavras do *cokwe* do leste, e as do *kimbundu* de Luanda. São línguas que se deixam entrelaçar, para captar alargadamente a beleza-essência do contado, o vigor, a musicalidade. O humor. Tal qual como apontava Óscar Ribas:

Ora se o informante - não eram todas mulheres - me contasse em português, tirava-lhe muito da beleza..., empregando termos não precisos, os correspondentes aos termos de *quimbundo*. Aquelas particularidades que apresenta a língua, o conto contado na própria língua - o indivíduo conta naturalmente, sem perder aquela beleza... Contando em português, senhor professor, a tradução, por boa que seja, nunca é como a língua original... (Laban 1991, 33)

E depois há as canções do tempo.

Quanto à obra de Luandino Vieira, ela é um rio de afluentes sonoros de uma fertilidade sem limites. Eu, leitora e aluna, recebendo, na margem, esta herança líquida. A lonjura e os outros tempos da Luanda podem dar um efeito delirante aos tex-

<sup>2</sup> Cf. <https://www.brancaclaradasneves.com/critica/>.

tos de Luandino. O erotismo subtil, a natureza imbricada nas suas estórias, trazendo ao leitor os seres e a terra, próximos-próximos em kimbundo e em português. As árvores nítidas, assim: «Cumprimentei a quifuane, a munguba, nossos mognos com quem são parecidas quando mortas e esventradas» (Vieira 1981, 57). As cobras vivas, assim: «Não tem asas e voa. Não tem inteligência mas lembra. - A gente atacamos-lhe aqui, esta hora; amanhã, esta hora, ela cá está, esperante» (46).

Talvez a literatura num lugar longínquo do futuro seja só isso: ritmo.

Leio a corrente de Luandino noutras gerações, em Uanhenga Xitu, em Ondjaki, por exemplo.

Vários outros autores e autoras muito diferentes me acompanharam, e bem gostaria de conversar consigo sobre cada um deles. Mas posso dizer que Sony Labou Tansi é e foi a constante indispensável. Até agora não traduzido em português, como a maior parte dos grandes referentes da literatura africana.

A.G. Para além de 'circulação', outro conceito recorrente em *Lue-na, Luanda, Lisboa. Fala de Maria Benta* é o de 'não-coisas'. Aqui, mais do que um simples dado linguístico, a referência é alguma noção duma cosmogonia, ou *Weltanschauung*, bantu. Se for possível sem que isso implique desfazer, de alguma forma, a literariedade do seu texto, pode aprofundar um pouco mais o significado desse conceito?

B.C.N. Em Maria Benta há uma consciência de uma certa *rede da Graça*, uma rede invisível que vem ao encontro para salvar e mostrar a continuidade do eco africano no mundo. Ela sai de casa e tem a certeza que a rede está lá. Para ela. Na rua. E volta aliviada.

Precisei do termo 'não-coisa' para significar o que neste contexto é um invisível real presente, realidades passíveis de serem vividas mas não apropriáveis, não-mercadorias. O conceito decorre dos saberes espirituais bantu kongo mas não exclusivamente, no sentido do apelo de um *para-além* do visível perceptível, da presença do mundo subtil das interconexões.

Vou contar-lhe o que me aconteceu com este livro: era um fim de tarde difícil, eu muito insatisfeita com a escrita. Estava na parte em que Maria Benta recorda a música *Mario* do Franco Luambo. O ouvir e re-ouvir desta música enchia-me de saudades e colocava-me cada vez mais longe do texto. Saí e fui caminhar. De repente, a chegar ao Largo do Intendente, chegou-me nitidamente ♪ *Máriô* ♪♪♪ *nalembi ê, êh!* ♪ *Máriô*... O som vinha de um velho edifício de uma associação de futebol. Subi as escadas. Lá em cima deparei-me com os Congo Stars. O agrupamento constituído principalmente por trabalhadores da construção civil que se reunia ali num raro domingo de ensaio. Vivi



com eles esse quase impossível momento na Lisboa daquele tempo, onde de modo algum se ouvia música dos Congos. Foi uma 'não-coisa' que me deu encontro e me recolocou directa na febre do texto.

Numa outra norma cultural, o filósofo Byung Chul-Han, usou a palavra no livro que lançou no ano passado *Non-Thin-gs. Upheaval in the Lifeworld*, referindo-se à desmaterialização que a era digital provocou, no consumo constante, frenético e caótico de dados e aos caminhos irremediáveis a que os algoritmos nos levam.

A.G. Passando a *Estamos aqui - Twina vava - Nous voici*, o seu segundo livro - e o mais visceral, segundo declarou na entrevista que concedeu ao programa Mar de Letras, na RTP África, em 2020<sup>3</sup> - o que logo-logo sobressai é o facto de ser uma obra trilingue. Isto, só por si, o torna único, já que o panorama da literatura angolana contemporânea carece de exemplos análogos, ou pelo menos bilíngue, apesar das repetidas proclamações sobre a valorização das línguas nacionais de origem africana. O que a empurrou para uma escolha tão desafiadora?

B.C.N. A consternação de testemunhar que obras-primas da arte antiga africana continuam ainda presas nos museus, reféns dos currícula comerciais de passagem entre mãos estado-unidenses, europeias e ultimamente asiáticas, currícula que definem o seu valor nos mercados, todo esse real de vivência impossibilizada, um travar da continuidade que impacta as novas gerações no seu poder de construir uma ancestralidade negada. Isso foi o primeiro motor. E também a vontade de dar a ver essas esculturas. Investigar que força crítica trazem para o presente. E descobrir uma estória lá dentro. Que desembocou na oportunidade de apresentar no mesmo livro línguas do Baixo-Congo e do Norte de Angola de onde são provenientes. Aconteceu um texto que conduz a uma leitura lenta por entre várias camadas de discurso, em cada língua.

Parar-viver. É o convite do livro, visitar esse poder, oferecer essa instância.

Senti claramente que o livro me apareceu em kikongo, apesar de o não falar, e que a sua intensidade diminui em português e em francês, por esta ordem. Por isso é que o contar em kikongo está no meio do livro. Penso que pessoas de origem bakonga podem circular nas três línguas e aceder aos 'dons' de cada uma delas. A forma como as ilustrações e os textos dialo-

<sup>3</sup> Cf. <https://www.rtp.pt/play/p6583/e481326/mar-de-letas>. Trata-se da segunda entrevista de Branca Clara das Neves no programa Mar de Letras, remontando a primeira a 2018: <https://www.rtp.pt/play/p4273/e352674/mar-de-letas>.

gam abre ainda outros percursos ao leitor, à medida que a personagem, entre espantos e interrogações, caminha para um novo lugar, consegue passar, como é chamada a fazer, do mapa ao território.

Deu-me muito prazer, este percurso pela cosmogonia bantu Kongo, não só pelo desafio colocado pelas línguas e pelo encaideamento dos dois níveis de discurso - o popular urbano e o erudito - mas sobretudo por ter sido um trabalho vivamente partilhado com a Neusa Trovoada e com os tradutores.

A.G. O carácter interartístico do livro faz com que ele seja um verdadeiro convite «ao confronto com os desafios e enigmas do movimento criativo» (Neves 2021). Não se trata só da relação mútua entre o texto da sua autoria e as imagens e os signos gráficos criados pela artista Neusa Trovoada, como também da reprodução de esculturas em pedra da cultura Kongo que concretizam os gestos do escultor evocados pelas descrições, e ainda das onomatopeias e outros recursos estilísticos que tornam 'audível' a textura sonora da peculiar visita ao museu que a protagonista empreende. O que é que, escrevendo esta obra, as outras formas artísticas (escultura, artes gráficas, música) lhe revelaram, ou esclareceram, ou talvez questionaram, acerca do movimento criativo que se expressa na palavra literária?

B.C.N. Os nossos sentidos são mobilizados por todas essas expressões, não é?

A protagonista vai ao museu sem intenção, sem qualquer *a priori* de pertença, sem imaginar o que vai encontrar. Larga a rua fria e escura de uma metrópole enevoada, e vai, arrastada por uma imagem, pelo movimento de um camião, por um difuso sentido de transgressão. E lá, no museu, estão as esculturas que vão oferecendo atmosferas, palavras, sons, actos de cura e de justiça, um grito. Tudo isto faz com que se envolva em novos sonhos-certeza, que vai partilhar urgentemente num fluxo de emails.

Um dos núcleos do livro é o que acontece nessa órbita tão particular que é a do autor e a sua obra. O primeiro apelo, o projecto, o fazer, o *quando* do chegar a acabar, o objecto. O ler, o ver, o escutar, o presentir. O tacto. Costuma ser o contexto de interacção do movimento criativo, quando se autonomiza do quotidiano, das coisas e dos signos convencionais. Falo pensando na escultura. Quanto à palavra, sai dessa imensidade, pequena, pequena, xingando continuamente, na sua inexactidão, o seu escrevente.

A.G. Na entrevista que mencionei acima, que ocorreu aquando da saída de *Estamos aqui - Twina vava - Nous voici*, falou de três obras que a acompanharam na viagem que a escrita deste livro foi: *Histórias de leves enganos e pareções* de Conceição Eva-

risto, *Inocência Ingenuidade Ignorância* de Raquel Lima e *Fulgor* de Maria Gabriela Llansol. Qual foi a dádiva, por assim dizer, de cada uma delas?

B.C.N. A realização do programa sugeriu que levasse três livros como sugestão de leitura, e resolvi levar três livros de autoras que me chegaram nessa altura e que muito apreciei. Delirei com o contar as águas tresloucadas do livro de Conceição Evaristo, a sua «Sabela, a mãe de expressão húmida», e a sua «Íris, a mulher que surgiu da lama para salvar os outros»... Quis também mostrar os livros da Yara Monteiro, e o da Tvon, mas não tive oportunidade de os ir buscar.

Mas os autores que me acompanharam sistematicamente até chegar ao livro, foram Kimbwendende Fu Kiau Bunseki, David Wabeladyo Payi, Clémentine Fayik-Nzuji, Raoul Lehuard. Também o som das palavras de Maria Gabriela Llansol e as exortações poéticas de José Ary dos Santos. Sony.

(No fundo do fundo, as imagens-sons do esplendoroso desaguagar do Rio Congo.)

A.G. Sendo as suas duas obras tão preñes de referentes culturais, linguísticos, mas sobretudo filosóficos longínquos em relação a Portugal, qual a dificuldade de apresentá-los a um público português – que imagino ser o principal público-alvo das duas editoras com que publicou os seus livros?

B.C.N. É uma pergunta muito difícil para eu responder sem mágoa. Em Lisboa não pude encontrar editores tal como são definidos nas artes e nas letras. Ou seja, com visão da obra, da sua inserção cultural, e das escolhas inerentes. Que conseguissem ir para além das geografias ‘do detrás’, para além da ideia do passado assombração do presente, ou do passado enfeitizador. Encontrei *publicadores*. Paguei e publicaram. É verdade que a distância construída relativamente às culturas africanas e particularmente às angolanas dificulta a identificação dos símbolos, o reconhecimento das referências. E condiciona o mercado, que neste sector não sofre qualquer abalo de questionamento quer da hegemonia europeia e estado-unidense, quer do eco colonial ‘encantatório’, que sempre têm um nicho de mercado garantido. O *Estamos Aqui – Twina Vava – Nous Voici* não teve uma sessão de apresentação, um lançamento. E o seu título é muitas vezes truncado, escrito só em português, *Estamos Aqui*, como figurou no site da feira do livro de Lisboa deste ano.

A.G. Já pensou em publicar em Angola? Quais as dificuldades que encontraria deste lado da sua geografia pessoal?

B.C.N. As minhas estadas em Angola, com excepção do trabalho de tradução do último livro em kikongo e do tratamento inevitável de documentos, têm sido um estar-viver-com, sem disponibilidade para outros trabalhos. Mas em breve a editora Elivu-

lu irá produzir em Luanda a 2ª edição do *Luena Luanda Lisboa. Fala de Maria Benta*.

A.G. Para concluir, e retomando mais uma vez uma declaração sua, para si «escrever é parar o exílio» que a trouxe a Portugal da sua Angola natal quando eclodiu a guerra civil neste país. Sente-se parte de alguma diáspora angolana da escrita? Identifica-se com este termo?

B.C.N. Tem sido esse o meu lugar de escrita.

## Bibliografia

- Evaristo, C. (2016). *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Editora Malê.
- Laban, M. (1991). *Angola. Encontro com escritores*, vol. 1. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Mata, I. (2014). “Apresentação do romance *Luena, Luanda, Lisboa*, de Branca Clara das Neves”. <https://www.brancaclaradasneves.com/wp-content/uploads/2020/11/APRESENTACAO-DO-ROMANCE.pdf>.
- Neves, B. C. das (2014). *Luena, Luanda, Lisboa. Fala de Maria Benta*. Lisboa: Edições Colibri.
- Neves, B. C. das (2020). *Estamos aqui – Twina vava – Nous voici*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Neves, B. C. das (2021). “Estamos Aqui | Twina Vava | Nous Voici”. <https://www.buala.org/pt/mukanda/estamos-aqui-twina-vava-nous-voici>.
- Vieira, L. (1981). *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*. Lisboa: Edições 70.